

Resumo: Procura-se, neste trabalho, dar a conhecer a actividade clínica que os autores têm vindo a desenvolver com o uso do biograma. Num primeiro momento, realiza-se uma resenha histórica dos modelos biográficos na investigação e suas potencialidades interventivas. Num segundo momento, apresentamos o biograma como instrumento de investigação. Finaliza-se o artigo com a descrição metodológica das etapas deste processo terapêutico com toxicodependentes.

Palavras Chave: História de vida; Toxicodependência; Biograma; Significações.

Resumé : Dans ce texte on essaie de faire paraître la pratique clinique que les auteurs ont pu développer par moyen du biogramme. Dans un premier moment, on procède à un aperçu historique des modèles biographiques dans la recherche et leur potentialité d'intervention. Dans un deuxième moment, on présente le biogramme comme outil de recherche. On termine l'article par la description méthodologique des étapes du processus thérapeutique des toxicomanes.

Mots clé: Histoire de vie; Toxicomanie; Biogramme; Significations.

Abstract: This paper aims at introducing the medical activity the authors have been developing with the use of the biogram. In a first moment, we make an historical description of the biographical models on the research and their interventive potentialities. In a second moment, we introduce the biogramme as a research tool. The article ends with a methodological description of this therapeutical process with drug addicts.

Keywords: History of life; Drug Addiction; Biogramme; Meanings.

Abordagem biográfica das toxicodependências - o biograma como instrumento de intervenção clínica

Rui Tinoco & Severiano Pinto

Neste artigo, pretendemos traçar uma breve panorâmica sobre as potencialidades da abordagem biográfica no estudo das toxicodependências. Para isso, faremos um sucinto historial desta corrente teórica; em seguida realizaremos uma breve reflexão sobre as possibilidades metodológicas das biografias (ou histórias de vida). Findo tal percurso, tentaremos reflectir sobre a importância de certos factores no relançamento da biografia como forma de investigação das toxicodependências. Para terminar, explicaremos o que é o biograma e o uso que dele poderá ser feito no contexto de uma intervenção clínica.

1. História

A abordagem biográfica tenta ler os fenómenos psicológicos, sociais ou antropológicos à luz da história do indivíduo. As biografias conheceram um desenvolvimento especial nos primórdios da antropologia e da sociologia. Só muito mais tarde a psicologia se começou a interessar por esta vertente.

Na antropologia, Bertaux (1989) localiza no século XIX as primeiras recolhas de histórias de vida junto de comunidades de índios norte-americanos servindo, pois, para recolher os últimos testemunhos de uma cultura em vias de desaparecimento forçado. O método biográfico assemelha-se deste modo a um levantamento de costumes e práticas culturais.

Na sociologia, os trabalhos de Thomas e Znaniecki sobre a emigração polaca para os EUA privilegiaram pela primeira vez, nesta ciência, a utilização de material biográfico, numa tentativa pioneira: usaram cartas privadas, diários a que tiveram acesso consentido, entre outras fontes. É Robert Park, no entanto, que advoga na segunda década do século XX a utilização sistemática de metodologias da antropologia no estudo dos fenómenos urbanos, entre elas a biografia. O desafio lançado pelo estudo da emigração polaca ganha, assim, nova força.

Na área dos comportamentos desviantes, a escola de Chicago, de que Park foi um dos principais mentores, lançou um contributo importante com a obra clássica de Shaw *"The Jack Roller"* (1930). A obra é uma história de vida de caso único em que o autor analisa longitudinalmente a biografia de um criminoso. Sutherland também utilizou um estudo de caso para a análise do mundo criminal. A sua obra *"The Professional Thief"* (1937) é um marco importante na expansão destas metodologias para a área da criminologia.

A maior relevância que os métodos quantitativos começaram a alcançar - por altura da segunda guerra - passam a uma posição de dominância - ditou um desinteresse pelas biografias entre os anos trinta e os anos sessenta. Só na obra de Oscar Lewis *"Os filhos de Sanchez"* de 1963 sobre uma família mexicana da classe baixa é que as biografias retomaram um lugar de crescente relevo nas ciências sociais e humanas.

A abordagem biográfica conheceu um renascimento e uma nova fundação nas décadas de setenta e oitenta em França e nos países anglo-saxónicos. Digneffe (1997) relaciona esse crescente investimento no contexto de uma crise dos métodos quantitativos clássicos e a falência de certas tentativas explicativas de ambições mais generalistas. Pineau & Le Grand (1993) explicam também este ressurgimento pela emergência de um interesse progressivo pelas minorias e formas culturais em vias de extinção. A grelha de leitura forjada por Lewis permitiria uma consolidação epistemológica desta corrente. Actualmente, é ponto assente a possibilidade de uma leitura psico-social das histórias de vida. As biografias que são recolhidas possibilitam o acesso a constrangimentos e condicionantes sociais, ao mesmo tempo que nos fornecem alguma compreensão sobre o modo como determinado sujeito actualizou essas dimensões exteriores em si. Na psicologia, Legrand (1993) ensaiou uma pioneira tentativa de intervenção biográfica a partir da recolha e reflexão de biografias individuais. De facto, a visão psico-social que esta abordagem propõe tem importantes consequências, inclusive a nível do trabalho terapêutico.

"La mise en tension entre le vécu et l'analyse entre le travail individuel et le travail collectif, entre les facteurs psychologiques et les facteurs sociologiques a un autre effect. Elle permet d'éviter deux écueils que l'on rencontre

inévitavelmente dans un travail de ce type: l'illusion de la toute-puissance du sujet dont l'autre face est l'illusion du déterminisme absolu." (Gaulejac, 1989, p. 31).

Após esta breve resenha teórica, abrimos passo a uma reflexão sobre a miríade de possibilidades metodológicas que estão ao nosso alcance.

2. Método

Na área da metodologia, não existe propriamente um *modus operandi* bem definido. Pelo contrário, as possibilidades são inúmeras, prestando-se sempre a novas configurações. Cada investigação recria de algum modo o método, e isto sem perder cientificidade: as regras do procedimento são explícitas e nascem de necessidades específicas da pesquisa.

Podemos dividir as histórias de vida tendo por base o critério da sua natureza: biografia directa e biografia indirecta. A primeira, é recolhida junto dos entrevistados; a segunda, aproxima-se mais da pesquisa documental. Quanto à extensão da recolha dos dados, podemos considerar as biografias temáticas - que se cingem a um aspecto da vida dos entrevistados, p. e. percurso de consumidor - e as biografias exaustivas mais comuns em antropologia e em estudos que se debruçam sobre a compreensão de um modo cultural radicalmente diferente. Quanto a questões mais formais, as biografias podem-se constituir como histórias de vida de caso único e histórias de vida cruzadas. As primeiras, elegem um percurso singular de um indivíduo que é, de alguma maneira, ilustrativo de um determinado fenómeno. As últimas, procedem através da acumulação de registos sobre os quais incidirá a análise (Poirier et al., 1995).

Os settings podem também variar imenso: recolha de histórias de vida em contexto institucional (Macquet, 1992); no âmbito de projectos de investigação com gratificação monetária aos participantes (Faupel, 1991); em contexto etnográfico com a ajuda de um informante privilegiado e a utilização da técnica da bola de neve (Ingold et al., 1991). O número de entrevistas por participante pode variar de uma única a uma série delas. Finalmente, a recolha dos dados pode ter fins estritamente científicos ou investigativos, assim como formativos, de orientação profissional ou, ainda, de intervenção psicológica.

Conhecemos também um estudo em que os dados recolhidos junto do próprio foram acrescentados por dados recolhidos entrevistando pessoas que desempenharam um papel significativo no processo de recuperação do consumidor (Romaní, 1991). Para cada percurso investigativo é preciso recriar o método, pelo que este ponto sumariza as balizas nas quais se deve mover uma imaginação metodológica sempre necessária.

3. Biografia e Investigação das Toxicodependências

Quais as características epistemológicas e metodológicas que relançaram esta corrente teórica no campo de investigação das toxicodependências? É a esta ideia que dedicaremos os próximos parágrafos.

A perspectiva biográfica consegue um espaço em que se poderá compreender a replicação psico-social de regularidades detectadas pela epidemiologia, lançando base para a realização de uma micro-epidemiologia. Esta tenta explicar as mutações da prevalência de certas infecções e doenças como, nesta área, a hepatite C e o vírus HIV, tendo por base modificações nas práticas e trajetórias individuais. As histórias de vida fornecem um olhar microscópico para a compreensão dessas mudanças.

No que diz respeito aos questionários, as biografias têm a vantagem de constituírem um método mais sensível à novidade e ao imprevisível. De igual modo, o seu contexto de aplicação é bem mais diversificado e polivalente: pode combinar-se com a realização de observação de rua e de estudos etnográficos.

Historicamente, a necessidade de compreensão do modo de vida da crescente população infectada pelo HIV em França foi um dos principais motivos para o relançamento do estudo das biografias na área da toxicodependência. Os questionários do tipo quantitativo revelaram-se pouco produtivos nesta problemática. Era necessário um método que fosse sensível ao estudo dos comportamentos quotidianos e das ideologias produzidas por classes ou subculturas minoritárias no todo social.

Curiosamente, são as características do objecto de estudo que ditam a remodelação do aparato teórico. A concentração da venda de substâncias psicoactivas em locais específicos das cidades, a proliferação de espaços ligados

ao tráfico de droga com dinâmicas sociais bem próprias e também a emergência de um grupo de toxicodependentes mais homogêneo, o *junkie*, cujo aparecimento é relativamente recente no nosso país, impõem questões novas a que é preciso responder.

É hoje ponto relativamente assente que existe uma população de toxicodependentes refractária aos centros assistenciais e que a população consumidora existente nos estabelecimentos prisionais difere consideravelmente das que encontramos em centros de cuidados. A abordagem biográfica reúne algumas mais valias decisivas: pode ser aplicado nos vários settings institucionais, pode ser aplicado em trabalho de campo como acima referimos e, por fim, interroga o objecto de estudo de nova maneira.

E que nova maneira é essa? A que nasce da possibilidade de encarar as práticas desviantes como algo que é adquirido na interacção social. Dever-se-á realizar um exercício de compreensão fenomenológica dos actos e cognições dos indivíduos consumidores. É necessário compreendermos o modo de aquisição de uma identidade desviante. É no decorrer das progressivas associações e acessos a determinadas subculturas que certas escolhas biográficas se tornam possíveis.

O levantamento da lógica desviante será o passo imprescindível que deverá anteceder qualquer intervenção nesta área.

4. Biograma

O biograma⁽¹⁾ é constituído por uma série de áreas temáticas da existência do sujeito, organizadas ao longo do eixo formado pela idade cronológica. As áreas contempladas podem englobar a história familiar, percurso escolar, história de consumos, entre outras. Para cada idade, deverão ser assinalados os principais eventos nas categorias relevantes. Este procedimento garante a visualização simultânea dos diversos episódios ocorridos durante a existência dos indivíduos. A originalidade deste procedimento permite constituir a construção do próprio biograma como o núcleo directriz das sessões.

Foi com base neste racional metodológico que Agra & Matos (1996) organizaram uma investigação onde procuraram estudar as trajetórias de indivíduos onde o fenómeno da droga e dos crimes ocorria simultaneamente.

A combinação do uso do biograma com as posições de significação transgressiva (Agra, 1990) permite a análise mais detalhada das trajectórias individuais. As posições de significação dividem-se em quatro grandes grupos, a saber: posição substantiva; posição solidária; posição solitária e posição projectiva. Estas posições dividem-se entre o pólo extremo da hetero-determinação (posição substantiva) até à autodeterminação (posição projectiva).⁽²⁾

Parece-nos que esta combinação metodológica pode servir de base a uma intervenção clínica. Ensaíamos aqui uma primeira sistematização dessa abordagem.

Fig. 1 - Biograma, no eixo central os números referem-se à idade do sujeito. As entradas da tabela podem ser adaptadas às especificidades de cada caso.

Intervenções terapêuticas										
Consumos										
Intervenções Judiciais										
Comportamentos Desviantes										
Relacionamentos Afectivos										
Idade	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Família										
Amigos										
Percurso escolar										
Actividade profissional										
Ocupação do tempo										

5. Intervenção

Temos vindo a entender a intervenção nesta área como um processo de (re)construção de significados e de narrativas do sujeito toxicod dependente, em conjunto com o terapeuta. O consumo de substâncias psicoactivas é perspectivado no conjunto longitudinal dos acontecimentos de vida, analisando-se as atribuições que o sujeito foi dando desse consumo e a sua significação existencial.

Para isso, servimo-nos de uma intervenção inspirada em metodologia qualitativa que se serve das biografias como forma de explicação das trajectórias existenciais do sujeito. Não se pretende encontrar as causas subjacentes aos consumos de substâncias psicoactivas, mas antes perceber o sentido que o sujeito dá, ele próprio, ao seu consumo, à sua existência. Assim, o objecto da nossa interven-

ção não é nem a personalidade nem o comportamento enquanto tais, mas sim o que resulta da inter-relação entre eles de acordo com a proposta de Agra (1991).

Para concretizar esta intervenção temo-nos servido do instrumento utilizado originalmente por Agra & Matos (1996) em investigação: o biograma. Estes autores utilizaram dados hetero-biográficos (relatórios médicos, relatórios psicológicos, relatórios do Instituto de Reinserção Social ou outro tipo de relatórios) para a reconstrução das trajectórias individuais. Num momento posterior estes dados foram articulados com os dados auto-biográficos, recolhidos directamente junto dos entrevistados.

Biografia de primeira ordem

A biografia do sujeito é recolhida através do relato que o próprio dá de si nas entrevistas, reconstruindo-se deste modo a sua história de vida. Na biografia, que aqui denominamos de primeira ordem, preocupamo-nos essencialmente em fazer uma recolha factual dos acontecimentos de vida do sujeito até à actualidade. Finda esta recolha, os dados são inscritos no biograma possibilitando que o sujeito efectue, através da visualização do seu percurso, as correcções necessárias.

Completamos esta etapa pedindo ao sujeito que divida a sua vida em fases e que as assinale no biograma. Devemos explorar quais as que mais e menos gostou e porque razões. Esta objectivação dos acontecimentos, o seu agrupamento em sequências temporais, deverá permitir ao indivíduo uma reorganização inicial da sua história, relacionando elementos que muitas vezes podem surgir dispersos no seu discurso. Preparamo-nos, assim, para dar início à segunda fase.

Biografia de segunda ordem

Num segundo momento, a que chamamos biografia de segunda ordem, analisa-se o material afectivo, emocional e cognitivo ligado ao comportamento factual. É importante referir que o discurso espontâneo do sujeito nunca é coarctado. O indivíduo já na primeira fase fornece habitualmente material afectivo, emocional, cognitivo e interpretativo sobre os factos que vai relatando, não se limitando a ser estritamente factual. O terapeuta não deve contrariar essa tendência, apenas adia a sistematização da sua exploração

para este momento. O objectivo principal aqui consiste em recolher elementos que possibilitem entender dimensões afectivas, emotivas e cognitivas do funcionamento do sujeito. Tenta-se que o indivíduo se reporte o mais fielmente possível à forma como experienciou os acontecimentos à época, não se inibindo, no entanto, a produção, hoje, de novas integrações sobre os acontecimentos passados.

Este material possibilita a construção de uma narrativa temporal da vida do sujeito, o objectivo final desta segunda fase. Quando os factos estiverem coloridos com material afectivo e cognitivo, transformando-se, pois, em facticidades (Denzin, 1989), estaremos preparados para explorar as significações existenciais do sujeito.

Biografia de terceira ordem

Na terceira fase, último momento da intervenção, ensaia-se a compreensão/clarificação das significações postas em jogo ao longo das trajectórias dos indivíduos. O terapeuta deverá redigir uma narrativa para cada fase existencial. O sujeito será confrontado com essas pequenas histórias, construídas a partir do que ele próprio disse na segunda etapa. Deverá comentar essas histórias, corrigi-las, completá-las.

Encoraja-se o sujeito a realizar uma dobragem sobre si próprio, tomando consciência das significações de si que construiu ao longo da vida. Pretende-se fazer emergir a lógica que presidiu à sua construção e tornar possível a produção de novas significações de si. Notámos que, frequentemente, essas significações estão reduzidas a situações de fatalidade ou de falta de alternativas. Pretendemos aqui complexificar essas justificações, tentar que o sujeito encare novas formulações da sua história. Em suma: que reformule as suas significações existenciais, caminhando no sentido de uma maior autodeterminação.

6. Reflexões Finais

Dada a especificidade do trabalho de intervenção com toxicodependentes, muitas vezes não é possível atingir uma continuidade na reconstituição da vida do sujeito, dado o aparecimento contínuo de temáticas/dificuldades que requerem uma interrupção do trabalho interventivo aqui delineado - por exemplo dificuldades específicas a nível individual, familiar, social, laboral, jurídico ou do foro

de gestão dos consumos. Assim, é importante referir que nem sempre o trabalho que se descreveu teve oportunidade de decorrer da forma contínua e sequencial que apresentámos. Contudo, a apresentação desta intervenção em fases realça as principais dimensões a serem trabalhadas numa intervenção biográfica.

Tentámos também tornar claro o modo como procuramos, em conjunto com o toxicodependente, dar conta das regularidades que articulam as suas diferentes fases de vida. A intervenção deve tentar permitir mostrar ao indivíduo consumidor a sua permanente vontade de mudança, a sua tentativa de ser outro internamente. A opção escolhida foi apenas uma forma ilusória de proceder à construção de si próprio. Ao clarificar o jogo subjacente a esta escolha, espera-se que o sujeito perceba que se colocou num paradoxo ao determinar-se pelo exterior: pelo consumo de substâncias psicoactivas. Se, como nos diz Willis (1983) o consumo de substâncias psicoactivas simboliza uma mudança ontológica no sentido do sujeito se sentir como agente autodeterminado, então deveremos possibilitar ao sujeito que (re)invente forma(s) não destrutiva(s) de se autoproduzir, isto é, reenvia-se ao sujeito o saber e o poder sobre o seu acto (Agra, 1991). ■

Contacto:
CAT de Cedofeita
Rua Álvares Cabral, 328
4050-090 Porto

Notas

- (1) Sabemos que em 1947 Theodore Abel utiliza o termo biograms; infelizmente ainda não conseguimos ter acesso a este trabalho.
- (2) O leitor interessado em aprofundar os conceitos das várias posições de significação transgressiva poderá, por exemplo, consultar o trabalho de Agra (1990).

Bibliografia

Abel, T. (1947). *The nature and use of biograms*. *American Journal of Sociology*, LIII, 2, pp. 111-118.

Agra, C. (1990). Sujet autopoïétique et transgression. In C. Debuyst (Ed.), *Acteur social et delinquance* (pp.415-425). Bruxelles: Pierre Mardaga.

Agra, C. (1991). *Sujet autopoïétique et toxicodépendance*. Montreal: Centre International de Criminologie Comparée (policopiado).

Agra, C. & Matos A. P. (1996). *Trajectórias desviantes*. In C. Agra (Ed.) *Projecto Droga e Crime*. Porto: Centro de Ciências do Comportamento Desviante da F.P.C.E. da Universidade do Porto (policopiado).

Bertaux, D. (1989). Les récits de vie comme forme d'expression, comme approche et comme mouvement (pp. 17-38). In G. Pineau & G. Jobert (Ed) *Histoire de vie - utilisation pour la formation vol. 2*. Paris: L'Harmattan.

Denzin, N. K. (1989). *Interpretative biography*. London: Sage Publications.

Digneffe, F. (1997). *Do indivíduo ao social: a abordagem biográfica* (pp. 203-245). In *Práticas e métodos de investigação em Ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Faupel, C. (1991). *Shooting dope - career patterns of hardcore heroin users*. Gainsville: University of Florida Press.

Gaulejac, V. (1989). Histoires de vie approches multidisciplinaires (pp. 25-38) In G. Pineau & G. Jobert (Ed) *Histoires de vie - utilisation pour la formation Vol.2*. Paris: L'Harmattan.

Ingold, F. R.; Toussirt, M.; Petit, F. & Cobesque, A. M. (1991). *Méthode et histoire - apport des sciences de l'homme et de la société à la compréhension des drogues et des substances psychoactives*. Paris: IREP.

Legrand, M. (1993). *L'approche biographique*. Marseille: Hommes et Perspectives.

Lewis, O. (1963). *Les enfants de Sanchez. Autobiographie d'une famille mexicaine*. Paris: Gallimard.

Macquet, C. (1992). *Toxicomanies et formes de la vie quotidienne*. Liège: Mardaga Éditeur.

Pineau, G. & Le Grand, J. (1993). *Les histoires de vie*. Paris: Press Universitaires de France.

Poirier, J.; Clapier-Valladon, S. & Raybant P. (1995). *História de vida, teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Romaní, O. (1991). *Drogodependientes: circuitos informales y procesos de integración social*. Barcelona: IRES- PNSD.

Shaw, C. (1930). *The Jack-Roller: a delinquent boy's own story*. Chicago: University of Chicago Press.

Sutherland, E. (1937). *The Professional Thief*. Chicago: University of Chicago Press.

Willis, P. (1983). The cultural meaning of drug use. In S. Hall and T. Jefferson (Eds.) *Resistance through rituals - youth subcultures in post war Britain* (p. 106-118). London: Hutshinson.